

O caos e a coragem de ser o que se é: notas sobre o espetáculo “E Quem Paga o Pato” – Por Ana Flávia de Mello

Montagem: E quem Paga o Pato?

Mostra dos Cursos Técnicos da ETDUFPA

Ana Flávia de Mello Mendes¹

28 de fevereiro de 2026. Último dia do mês do carnaval. A Defesa Civil alerta: chuvas intensas em Belém do Pará. “Cuidado com o caos”, pensei. Tive medo? Sim. Ainda assim, arrisquei sair de casa para assistir ao espetáculo **E Quem Paga o Pato?**, mais um trabalho resultante da desejada e pavorosa disciplina Prática de Montagem, que reúne estudantes dos cursos de Cenografia, Figurino e Intérprete-Criador em Dança da Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará.

Saí preocupada com possíveis alagamentos em torno de casa, mas especialmente com aquele, já crônico, que se forma em uma das esquinas da Doca de Souza Franco a caminho da escola. Para minha surpresa, as ruas estavam tranquilas. Mal sabia eu, contudo, que o caos já estava instalado dentro da ETDUFPA. Ok, ok! Caos por lá não é nenhuma novidade, eu sei... Mas, desta vez, foi diferente. E não me pergunte o porquê. Não sei. Da mesma forma, não sei responder à pergunta que o espetáculo lançou no meu peito — embora desconfie de que os pagadores do pato sejamos nós, reles trabalhadores sem penduricalhos.



Militâncias à parte, a obra é um desbunde que estapeia o espectador com doses de realidade e deboche. A visualidade chega a ser surrealista, com uma potente colagem de cabeça de boiúna, cipós e raízes flutuantes de manguezal. A ambiência, para além do visual — apesar da paleta de cores terrosas —, lembrou-me o gesto criador de Jackson Pollock arremessando tintas ao acaso sobre suas telas.

Poderia ser também um *happening*, uma *ballroom*, uma roda de capoeira ou até uma *juerga* flamenca. *A mí me gustan todas estas cosas*, inclusive a aparente falta de lógica e a “desordem” que o roteiro fragmentado produz ao recontar a história do Brasil. Um verdadeiro e maravilhoso caos — no melhor sentido que ecoa a filosofia de Félix Guattari e seus coirmãos de pensamento sobre o ato de pensar. Pós-estrutura, pós-dramaturgia, pós-coreografia... Sei lá! Não consegui entender nada mesmo — como bem alertaram Contra e Regra, personagens que têm a função de alinhar e fazer uma colcha de retalhos com os fragmentos de episódios históricos, referências múltiplas e pedaços da cultura amazônica presentes no espetáculo.

¹ Artista-professora-pesquisadora, doutora e mestra em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia e pós-doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

É mais ou menos assim: alguém que parece um pajé anuncia o início da encenação. Exu abre os caminhos no feminino-masculino de seus tridentes rústicos. Indígenas ritualizam o cotidiano, enquanto escravizadores em marcha rasgam seus corpetes e batinas, revelando vergonha, ridículo e hipocrisia. Entre encantarias em *jetés*, *pirouettes* e *grand battements*, surge um cisne. Não é branco nem negro... É ela: a dourada Oxum Marshelly, Anastácia liberta da máscara de ferro e adornada com filás de pedrarias, deslizando em reluzente baile pelo rio-mar até encontrar nossa querida Nazinha em manto cor de ouro. A mãe, pasme, traz no colo não o menino, mas uma menina dançarina de carimbó. Contra e Regra ensinam que ela se chama Belém, e ela baila entre promesseiros do Círio girando sua saia.

Na Amazônia pop, *K-poppers* são gente de colarinho que compra e vende flora e fauna. Oxóssi é um b-boy *high-tech* parido de alguma I.A. reflorestada. O caçador mata de amor uma onça-jaguar pintada de glitter. Teria ela saído direto do desfile das escolas de samba da festa tardia de Momo em Belém? Outra vez: não sei. Só sei que do carimbó ao xirê, forças ancestrais são evocadas para guiar, proteger e festejar.

E Quem Paga o Pato? é tudo isso e muito mais: escracho, cara de pau, estranheza, apologia ao erro e coragem de romper com os ideais de beleza e perfeição preconizados no mundo da dança. Aliás, é bom que se diga: o espetáculo transcende a própria dança. Nem mesmo suas complexas sequências coreografadas garantem a certeza de que se trata apenas de um espetáculo de dança. Aqui, como diria Pina Bausch, importa mais o que move o corpo do que como o corpo se move.

E o que move essa cena compartilhada em forma de pergunta? Difícil afirmar o que pulsa em cada criador dessa experiência cênica. No entanto, ao acolher a perspectiva coletiva do trabalho, sinto na pele a dor e a inquietação que atravessam aquilo que nós, brasileiros, somos: impuros, vira-latas de quinta categoria, bichos sem pedigree. Somos os pagadores de patos, os costas-largas, aqueles que levam o farelo e o destempero. Ainda assim, somos cheios de graça e força para transformar a falta de tudo em presença de arte, amor e vida. Sigamos!

01 de março de 2026

